

EDITORIAL

4

Quando decidimos nos aventurar no cenário das revistas acadêmicas, falamos não só da visibilidade do trabalho discente, mas também do prazer em fantasiar novas ideias. Do ponto de vista pragmático, o êxito do nosso empreendimento era uma incógnita, haja vista a incerteza própria do futuro. Sabíamos, sobretudo, que não propúnhamos qualquer inovação substancial, afinal, já há muito tempo textos prazerosos haviam escapulado de volumes para periféricos e podiam ser armazenados nas nuvens, por exemplo.

Enfim, graças à parafernália da *web*, as publicações eletrônicas ganharam fôlego, o que nos garantia razoável tranquilidade em nossa viagem a Ítaca - ou Pasárgada -, como convém à poesia de cada leitor. Aliás, desde o início, o que nos importava mesmo nem era a chegada, mas “o prazer do movimento à dúvida do passo seguinte”.

Ao longo da viagem fomos obrigados a diferentes paradas - e paragens -, e a nos desfazer de ideias iniciais, uma vez que a dita revista eletrônica em parte contribui gradativamente para expulsar experiências como o manuseio das páginas, o cheiro do papel e a intrigante imagem que persiste na memória depois de um folhear rápido, quando autor e título saltam das páginas e nos atormentam por dias - até mesmo por uma vida a fio.

Bem, quando começamos, tudo isso poderia muito bem ser visto como passado. Talvez, por culpa de um presente que se estreita progressivamente, diluindo-se, acantonando a todos no ontem, no recordar, no recontar.

O fato é que a tecnologia nos ofereceu um espaço antes impensável, sobretudo em razão dos problemas práticos e financeiros que demandam a produção de uma revista impressa. Dessa forma, vim-nos frente a um caminho, uma extensão, quiçá apriorística - e ilimitada -, onde poderíamos acomodar a produção científico-discente. E, como dissemos acima, os passos, antes duvidosos, começaram a ganhar força e a imprimir rastros pelo caminho.

Hoje, lançamos o quarto número da *Non Plus*, revista orgulhosamente discente, já acomodando docentes e pesquisadores em suas páginas!

Neste quarto número, fazemos jus ao que havíamos proposto e idealizado: dar ampla visibilidade à produção acadêmico-discente. O *Dossiê Pascal Quignard* - sob a direção **Profa. Dra. Verónica Galíndez-Jorge**, foi resultado do curso *Monographiques*, realizado em 2012. Ao interesse e empenho dos envolvidos, seguiu-se uma série artigos, ora aqui publicados. Sobre a experiência desses alunos ao transpor fronteiras e trocar ideias com o próprio autor, bem, isso é relatado pela própria Profa. Verónica, em apresentação introdutória ao *Dossiê*.

Este número contempla ainda os artigos de **Maria Angélica Amâncio** e **Raphael Araújo**. A primeira, justapõe a literatura ao cinema

e traz à luz obras de Paul Éluard e Georges Perec, valorizadas pela leitura cinematográfica de Alain Resnais e Sami Frey, quando a palavra e o texto se sobressaem e se equiparam às imagens, contrariando a lógica da sétima arte. O trabalho de Amâncio destaca ainda os filmes “Les mains négatives” e “India Song”, realizações de Marguerite Duras, ressaltando a linguagem em processo de filmagem. Essa contiguidade estreita da literatura com o cinema surge no artigo de Amâncio sob a veia teórica de Jacques Aumont e Arlindo Machado.

Raphael Araújo, por sua vez, mergulha na literatura camusiana a partir do discurso do *juge-pénitent* - como definia a si mesmo Jean-Baptiste Clamence, a célebre personagem de *A Queda*. Araújo reflete sobre a prefiguração do outro, propondo uma introdução narrativa para a obra. E, como a literatura retoma a si mesma através do jogo intertextual da referência, o autor se debruça sobre a absurdidade presente n’*O Mito de Sísifo*, sublinhando-a como traço comum às obras. O *flâneur* baudelairiano e a voz do dândi emergem como veículos irônicos que orientam a leitura da obra.

Por fim, encerramos com duas resenhas: da obra *Rester vivant*, do contemporâneo Michel Houellebecq, por **Augusto Darde**, e da tese de Raquel Lima Botelho Casillo Vieira, por **Maria Cláudia Rodrigues Alves**. Darde apresenta a obra do poeta e romancista francês ao leitor destacando o “profundo ressentimento” como mecanismo de compreensão da sociedade e da própria existência, razão pela qual em seu método (subtítulo do livro) Houellebecq aconselha possíveis poetas a serem abjetos para serem verdadeiros, “uma vez que define seu texto como o próprio mundo, configurado pela escassez da verdade”¹.

Rodrigues Alves, ao traçar o percurso da resenha de Casillo Vieira, resalta o conceito de tradução *informada*, cunhado pela

¹ Trecho asgado ligeiramente parafraseado da resenha de A. Darde para se adaptar ao contexto.

pesquisadora em análise comparativa das traduções inglesa e francesa de *São Bernardo*. Segundo Rodrigues Alves, ao comprovar que a tradutora francesa apoiou-se na tradução inglesa, a pesquisadora não só demonstra o trabalho da “retradução”, portanto, uma tradução *informada*, como também produz uma obra de fôlego, uma “efetiva colaboração para os estudos de recepção de literatura brasileira traduzida em língua inglesa e francesa”.

No mais, agradecemos a todos aqueles (autores, pareceristas, revisores, monitores) que, em algum momento, dedicaram parte de seu tempo para que déssemos mais este passo cujos rastros registram, sobretudo, prazer e confiança.

A você, leitor, razão dos nossos movimentos, uma ótima leitura!

Dirceu Magri

Editor Responsável